



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS **Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018**

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO 5 ***VOZES DA FRONTEIRA: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES***

Coordenadores:

Prof. Doutora Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia)
veralucia.deoliveira@unipg.it

Prof. Paula Cristina de Paiva Limão (Università degli Studi di Perugia)
paula.depaivalimao@unipg.it

(Em ordem de apresentação)

TÍTULO DO TRABALHO: Memória em versos: um estudo sobre a produção lírica em portunhol de Fabián Severo.

Autor: Angela Cristina Dias do Rego Catonio (UCDB)

RESUMO:

Este estudo propõe investigar a construção lírica peculiar do poeta Fabián Severo (Uruguai) ao mesclar as línguas portuguesa e espanhola, conhecido como portunhol, em uma literatura extremamente memorialística e saudosista. Esta forma de linguagem inusitada emerge em sua forma híbrida e mestiça, situando-se acima dos espaços geográficos e culturais, e circula além das fronteiras entre Brasil - Uruguai.

O chamado “portunhol”, conhecido e falado nas regiões de fronteiras brasileiras com os países de colonização espanhola, é uma tentativa de comunicação não só dos falantes, natos ou não nas faixas de divisa, mas, também, de grande parte dos turistas provindos de línguas distintas que aportam nessas terras e tentam interagir uns com os outros. Os múltiplos deslocamentos de pessoas de um lado para o outro da linha de fronteira propiciam forte entrelaçamento de costumes e tradições e o inevitável contato entre línguas. O caráter transgressor do portunhol viola as lógicas nacionais de partição do espaço físico e identificação linguística.

Neste trabalho, consideramos o portunhol como língua de contato devido ao convívio ininterrupto e direto entre línguas existente nas relações interpessoais dos habitantes das fronteiras do Brasil com os demais países sul-americanos. Ao utilizar uma língua de contato, Severo expande as concepções léxicas e semânticas das línguas envolvidas, criando um misto de subversão literária por aquilo que suscitam no imaginário laico e, principalmente, pela resignificação dos padrões literários tradicionais. Em se tratando de sistemas linguísticos que compartilham uma base tipológica comum, como no caso do espanhol e o português, a presença de elementos comuns na origem dessas línguas resultou evidente. Muito além do que possa aparentar um desvio linguístico, o portunhol é parte da identidade de uma região e evidencia o caráter peculiar do habitante fronteiriço.

A riqueza linguística das fronteiras que aqui apresentamos, evidenciada pela literatura em portunhol, configura um espaço de convivência múltiplo, partindo do que é mais particular para alcançar o espaço social de convivência plural. Em outras palavras, constitui uma associação da esfera pessoal com a histórica dos habitantes que têm contato com esta variante linguística. Neste contexto, o portunhol, espreado pelas superfícies geográficas divisórias, onde a proximidade com o outro é inevitável e irremediável, assume importante feição simbólica que perpassa as identidades nacionais, criando um misto de perplexidade e assombro diante de uma manifestação nascida da oralidade, das relações entre habitantes de um e outro lado das fronteiras, para chegar à literatura com uma aura de inovação e engenhosidade.

Os sentidos discursivos construídos na produção de Severo conectam passado e presente em uma rede de memórias afetivas e carinhosas pertencentes à região de fronteira. O escritor reconstrói verbalmente imagens e situações próprias do imaginário popular, criando representações de pertencimento a um espaço muito peculiar que é a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Dessa forma, o sentimento de pertença que emerge da leitura dos textos do autor agrega e reforça valores das gentes que habitam esse território. A lírica de Severo estabelece diálogos com discursos filosóficos que preconizam uma consciência intercultural latino-americana, expondo uma representação criativa que extrapola as convenções literárias e assinala a identidade fronteiriça como resultado de um espaço singular, onde são geradas novas representações e simbologias como resultado paradoxal de uma língua sem nação, entretanto resultado da própria divisão territorial imposta politicamente.

Devido ao afastamento dos grandes centros urbanos, as regiões de fronteira representam um território que ficou esquecido, criando o sentimento de desterritorialização e a imediata necessidade de reterritorialização dos elementos que compõem as lembranças que forjam as identidades. Assim, a língua, como elemento primordial da identidade pessoal, tem papel fundamental para a adaptação ao novo ambiente e, portanto, fator fundamental para a aproximação dos dois mundos, o pessoal e o social.

Conforme o autor, quando começou a escrever tentou fazê-lo em espanhol. Todavia, não gostou e, depois de muito tentar, descobriu o portunhol como sua linguagem poética, pois o portunhol foi sua primeira língua, a língua que falavam seus pais, seus avós, seus vizinhos. Segundo ele, seus afetos, suas recordações, seus pensamentos sempre estiveram em portunhol. Fabián Severo exibe com propriedade a fala dos habitantes da fronteira fruto de sua própria experiência vivida por muito tempo naqueles rincões. É o portunhol da boca das pessoas no dia a dia, no contato com o outro, a língua sem preocupação, sem compromisso com as normas gramaticais. Para o poeta uruguaio a fronteira é plena de vitalidade e energia, é local de tensões sociais, linguísticas e estético-literárias, mas, sobretudo, seu universo pessoal vivido e sentido ao longo de sua infância e adolescência em memórias traduzidas para a poesia como uma forma de manter vivas suas lembranças. A abordagem de sua obra é uma forma de reivindicar pertencimento a uma região estigmatizada pelo rótulo do atraso, mas uma região plena em costumes próprios e singulares. A poética de Severo não simplesmente nasceu “na fronteira”, mas, sobretudo, “para a fronteira”. O sentimento de nostalgia é presente em toda a sua obra, construindo uma espécie de narrativa de exílio, fruto do afastamento da região cujo sujeito lírico se sente pertencente.

A produção de Fabián Severo enuncia o mundo muito particular da fronteira entre Artigas e Quaraí e empreende o esforço em capturar os elementos da realidade fronteiriça e transportá-los para a literatura. Ao adentrar neste universo, o bardo cria um espaço metafórico entre a vivência histórica e a vivência da narração, de forma a significar muito além do que está escrito: discorrendo sobre homens e suas experiências, mediante a criação de simbologias que adicionam novos sentidos ao seu texto literário.

O léxico do esquecimento, como as regiões fronteiriças são retratadas, carrega em si um sem número de significados, aos quais Severo lança um olhar diferente ao interior de duas sociedades diferentes que se mesclam formando uma única. Neste contexto, línguas distintas, de um e de outro país, ao contrário do que poderíamos imaginar, não geram a sensação de estranheza em seus falantes, mas serve como elemento fundamental da interação social entre os indivíduos.

Apesar da descrição de que a fronteira seja uma região estagnada e triste, a produção de Severo exala sentimento carinhoso de pertencimento e confere uma identidade distinta à população daquela extensão de terra. Para ele, a fronteira é muito mais do que um marco físico, é um local de relações afetivas em uma espécie de simbiose entre espaço e sujeitos. E ainda mais: nas rupturas que a fronteira abriga, cria-se um lugar aparentemente seguro: a escrita.

Com a leitura dos poemas de Severo, percebemos que a simbologia criada pelo poeta tem a função de revelar seu mundo sensível e íntimo à sua maneira de “ser fronteira”, sua essência. As imagens que o poeta constrói possuem a capacidade de abrir o campo de visão do seu interlocutor e revelar um universo infinitamente rico que é a fronteira. Assim, a recorrência de temas identificados com aquela estremadura, o resgate de memórias e o fazer poético em portunhol marcam uma unidade de significação: as imagens trazidas de lembranças pessoais resultam em uma memória coletiva que, todavia, ao representar em parte um passado pessoal salvaguarda o passado de uma comunidade.

Percebe-se na poética de autor um esforço de resgatar em palavras a memória das lembranças vividas em sua terra natal, um passado que, para ele, não pode ou não deve ser esquecido. Entendendo que as lembranças reatam laços com o presente, percebemos que as recordações do poeta servem como fator determinante na formação da sua identidade pessoal ao longo do tempo e, portanto, constituem um refúgio na busca de um lugar seguro no presente.

Característica a destacar na poética de Fabián Severo é a assimilação do eu lírico ao meio ambiente no qual se localiza. Essa forma de interação, expressa em diversos poemas, salienta a vida em comum entre o sujeito poético e sua terra, numa integração inevitável, imperativa, em que o espaço assume papel de protagonista. A assimilação entre o organismo (o eu lírico) e seu meio revela-se, destarte, fator relevante para se vislumbrar quão peculiar é a região da qual se faz produto o homem fronteiriço. Nessa voz que brota dos versos do poeta, carregada de sensações sinestésicas, reconhecemos as raízes de um sujeito lírico que se confunde com o espaço, ocorrência que permite uma leitura dúbia entre o que é recordação do próprio autor e a invenção poética criativa que representa o caráter plurissignificativo da arte literária. Nesse fluxo de memórias encontramos a ambiguidade entre o que é real ou imaginário, o que é consciente ou inconsciente.

“*Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé*” é o poema-verso que abre a primeira obra que Severo publicou comercialmente: “*Noite nu Norte – poesia de la frontera*” (2011) e é ele que vai traduzir uma das principais propostas, senão a principal, da criação de Severo. A lembrança será o caminho pelo qual o poeta leva seu leitor ao longo de sua jornada pela fronteira entre Artigas (URY) e Quaraí (BRA).

PALAVRAS-CHAVE: Portunhol; Fabián Severo; Poesia; Fronteiras; Memórias.

TÍTULO DO TRABALHO: Literatura amapaense no Oiapoque – questões de literatura de fronteira.

Autor: Fabíola Reis (UNIFAP/Campus Binacional do Oiapoque)

RESUMO:



A fronteira Brasil-Guiana Francesa permaneceu durante um longo tempo isolada e envolvida com as histórias dos garimpos ilegais, da prostituição e do ouro da região. A disciplina Literatura Amapaense, ofertada pela primeira vez em 2018 no Campus Binacional do Oiapoque (Universidade Federal do Amapá), lida com um contexto de Literatura Amapaense como literatura de fronteira/literatura menor (termo advindo da obra de Derrida/Guattari *Kafka – por uma literatura menor*) de uma maneira diferente da capital Macapá (Campus Marco Zero), distante 600 quilômetros de Oiapoque. Na disciplina há o estudo das origens do termo “literatura de fronteira” e “literatura menor”, o trabalho da crítica literária para entender como as obras que circulam na fronteira não estão no cânone literário, a comparação com outras literaturas de fronteiras e literaturas de povos minoritários no Brasil e no mundo. Esta comunicação tem como objetivo apresentar um panorama dos trabalhos dos discentes de Literatura Amapaense no Oiapoque, centrando no contexto amazônico e a produção literária contemporânea do município, apresentando também autores e obras e a visão histórica e cultural predominantes nos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de fronteira; Literatura Menor; Literatura Amapaense; Oiapoque.

TÍTULO DO TRABALHO: O intelectual (trans)fronteiriço Silvano Santiago: exterioridades biográfico-epistemológicas.

Autores: Pedro Henrique Alves de Medeiros (UFMS), Edgar César Nolasco (UFMS – Doutor)

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo refletir acerca da figura do intelectual Silvano Santiago à luz da crítica biográfica fronteiriça cunhada por Edgar César Nolasco a partir da confluência dos estudos pós-coloniais (MIGNOLO, 2003) aos crítico-biográficos (SOUZA, 2002) tomando como locus enunciativo, epistemológico e geoistórico, a fronteira-Sul do Brasil com os países limítrofes Paraguai e Bolívia. É segundo essa óptica teórica que buscaremos discutir a figura do crítico, homossexual e escritor mineiro partindo da premissa de que sua carreira/obra/vida se aquilatam em uma percepção (trans)fronteiriça por excelência. Essa alinha-se justificativa através do trânsito crítico-ficcional-teórico e da visada epistemológica pós-colonial que atravessa as percepções de Silvano Santiago sobre a cultura e literatura brasileiras, seja tratando do outro ou exercendo sua escritura literária: exercícios sempre permeados pelo *bios* do menino natural de Formiga intelectualizado em Belo Horizonte. Para sustentar o debate proposto, nos assentaremos, dentre outros, em intelectuais e obras como *Histórias locais/projetos globais* (2003) e “Desobediência epistêmica” (2008) de Walter Mignolo, dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, de *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriça* (2013) e “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)” (2015) de Nolasco, *Janelas indiscretas* (2011) de Souza, *O local da cultura* (2013) de Homi K. Bhabha, *Planetas sem boca* (2006) de Hugo Achugar e *Representações do intelectual* (2005) de Edward W. Said.

PALAVRAS-CHAVE: Silvano Santiago; Crítica biográfica fronteiriça; Desobediência epistêmica; Opção descolonial; Epistemologia fronteiriça; Exterioridade.

TÍTULO DO TRABALHO: Quando uma identidade silenciada renasce: o “portunhol selvagem” como fenômeno linguístico-literário na América latina.



Autor: Paula Cristina de Paiva Limão (UNIPG)

RESUMO:

A presente proposta tem como objetivo debater e delinear a dinâmica e os elementos que apontam para o renascer e recriação de um fenômeno linguístico, cultural e literário silenciado como o do “portunhol selvagem”. Realidade vivida por sujeitos que constituem espaços diferentes, o que Bhabha (1994) define como “terceiro espaço”, o lugar simbólico por excelência do hibridismo cultural, o portunhol revela no contexto da América latina uma pujança que é fomentada pela rediscussão por um lado da articulação entre o local e o global, a variação e a norma e por outro pela própria definição e integração identitária dos sujeitos. A fenomenologia dos “terceiros espaços” remete para a territorialidade múltipla e diversificada, ou seja a dos universos abertos e móveis em que se recriam identidades inéditas mestiças e em que língua e literatura se fundem na sua mais profunda dimensão para violar intencionalmente ou não o cânone. Um dos elementos mais curiosos da difusão cultural do portunhol assenta, sem dúvida, no seu caráter dúplice e aparentemente contraditório: a divulgação através das edições cartoneras, em que a publicação é caracterizada pelo elemento tradicional, pelo trabalho artesanal, ligada à recuperação de materiais e aquela feita através da Internet, onde a difusão dos textos, dos vídeos e das imagens assume uma nova dimensão, a da transmutação da relação espaço-tempo na criação literária e na interação que se cria com o público, apelando a uma paulatina capacidade de intercompreensão linguística, literária e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Portunhol selvagem; “Terceiro espaço”; Identidade linguística e literária”; “Identidades silenciadas”; Divulgação literária na Internet.

TÍTULO DO TRABALHO: Novos olhares sobre o sertão na literatura brasileira.

Autores: Lisane Mariádne Melo de Paiva (UFMS), Maria Fabiana Medeiros de Holanda (UFMS), Tânia Maria de Araújo Lima (UFMS)

RESUMO:

Este artigo é o rastro dos primeiros passos rumo a novas leituras sobre as representações do Sertão nordestino na literatura brasileira. Parágrafo a parágrafo, verso a verso, cena a cena verificamos a mudança de perspectiva do antes Sertão de imagens de miséria, seca e dor para o encharcado pela urbe. Desejamos, por meio deste estudo, acompanhar o redimensionamento do retrato do Sertão nordestino, considerando como ponto de partida para a nossa análise a saga dos protagonistas de "Nossa Terra" e "Mulheres de Tijucoapo", obras de Antonio Torres e Marilene Felinto, respectivamente. Destacamos a exposição das raízes fragilizadas que dificultam que os sujeitos consigam identificar-se no e com o novo contexto desse espaço sertanejo, auxiliados para isso pelo diálogo com estudos de Zigmund Bauman e Walter D. Mignolo. Para analisar a (des)construção das fronteiras identitárias entre Sertão/Urbe, amparamos nossas interpretações em teóricos que repensam os modelos culturais imersos em um panorama incluso nas questões da diáspora e do entre-lugar, Stuart Hall e Homi K. Bhabha, nessa ordem. Como trabalho introdutório, sabemos que esta pesquisa é o início da formulação dos questionamentos e não necessariamente de suas respostas, desse



modo, o artigo que apresentamos nos direciona para futuros avanços no caminho que começamos a construir.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Sertão; Nordeste.

TÍTULO DO TRABALHO: Tradução cultural e poética na narrativa indígena: coleta e transcrição na fronteira franco-brasileira.

Autores: Márcio Aniká Batista (UNIFAP), Mariana Janaina dos Santos Alves (UNIFAP)

RESUMO:

O presente artigo, exposto na forma de comunicação oral, tem como objetivo apresentar os resultados do plano de trabalho *Tradução cultural e poética na narrativa indígena: coleta, transcrição e análise em Oiapoque* que integra o projeto de pesquisa intitulado *Tradução de poemas de Léopold Sédar Senghor: Modernismo, Négritude e Africanidades* desenvolvido na Universidade Federal do Amapá, no Campus Binacional de Oiapoque. Nesse sentido, considerando o *II Congresso Internacional Línguas, Culturas e Literaturas em diálogo: Identidades silenciadas*, especialmente, o simpósio temático proposto *Vozes da Fronteira: Construção e desconstrução de identidades* que focaliza no estudo das vozes de (e da) fronteira, como um espaço real, imaginário ou conceitual onde se exprimem identidades linguísticas, literárias e culturais, neste estudo, será privilegiado o espaço da única ligação entre o Brasil e a União Europeia: o extremo norte do país, a fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Os resultados apresentados neste artigo derivam da pesquisa realizada por um acadêmico do curso de Letras Francês-português, indígena da etnia Karipuna, na Aldeia manga, localizada na Terra indígena Uaçá, município de Oiapoque, estado do Amapá. Sabe-se que as famílias Karipuna formavam uma população de aproximadamente 1.700 pessoas, segundo dados do IBGE de 2006, residentes em sua maioria às margens do rio Curipi, afluente do rio Uaçá, no norte do estado do Amapá. Trata-se da região do baixo rio Oiapoque, nas proximidades do Cabo Orange, área de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Toda região do baixo rio Oiapoque, incluindo a bacia do rio Uaçá com seus afluentes, consiste numa área de fronteiras em vários sentidos. Fronteiras entre áreas fluviais e marítimas, litoral e área interiorana, vegetação pantanosa e de floresta, o calor equatorial e a brisa das monções oceânicas, fronteiras entre nações. As populações do rio Uaçá que convivem nessa região também criam, contornam e recriam fronteiras específicas, diferenciando-se em etnias, identificando-se como “povos indígenas do Oiapoque”. O tamanho e a composição das aldeias variam enormemente. Por isso, para compor o arcabouço teórico que serviria de base para as análises feitas após a coleta de narrativas na Aldeia Manga, escolheu-se, primeiro, o estudo dos conceitos elencados por pesquisadores da tradução, quais sejam, os estudos *Clássicos da teoria da tradução* (2001) de Werner Heidermann e *Oficina de tradução* (1992) de Rosemary Arrojo. Além destes autores, há agregadas aos postulados citados, análises sobre apontamentos mais recentes da literatura e dos estudos culturais. Teorias e reflexões que dialogam, perfeitamente, com o contexto, no qual, se compreende as narrativas. Histórias que foram contadas a partir da memória (individual e coletiva) dos moradores da Aldeia Manga. São eles: *O local da cultura* (BHABHA, 1998), *Parole et utopie: Paradigmes de la transition postcoloniale chez Ó Cadhain et Senghor* (KELLY, 2013/4) e *Simbolismo e interpretação* (TZVETAN, 2014). Pretende-se, nesse sentido, que os conceitos e reflexões desenvolvidos a partir da leitura de textos sobre os estudos e a tradução cultural, assim como o tema da poética e identidade sirvam de base para compreensão e análise de tais conceitos aplicados à narrativa indígena, especialmente, aquelas que são contadas no município

de Oiapoque/AP. A escolha da narrativa indígena, deu-se pelas similitudes encontradas nos temas ligados à identidade, com ênfase à tradução cultural, à luz dos conceitos da pesquisa de partida, assim como as representações, simbologias e os aspectos poéticos presentes nas narrativas contadas pelos indígenas mais velhos. Em consonância ao estudo teórico, ao término da primeira etapa de estudos, foi realizada a coleta, *in loco*, pelo bolsista de iniciação científica Márcio Aniká Batista na Aldeia Manga, local de residência do acadêmico. As narrativas foram aliadas às reflexões e os saberes reunidos pela Teoria Literária, assim como os Estudos da Tradução e da Cultura, para identificar aspectos ainda não estudados, no que se refere à narrativa de autoria indígena, e também, os aspectos sobre o tema, em discussão pela crítica: a Literatura indígena. A partir desse pressuposto, entende-se que as “identidades silenciadas” serão mostradas para se coloque em questão, elementos que denotam originalidade e são opostos em relação à cultura canônica ou hegemônica, conforme a proposta do eixo temático. Nas palavras de Thais Flores Nogueira Diniz, em *Tradução: da semiótica à cultura* (1995-1996), a autora comenta que considerada como um efeito do contato entre línguas e culturas diferentes, a tradução é uma necessidade, a partir do momento em que os povos precisam comunicar-se. Antes da invenção e difusão da escrita, a tradução era oral e imediata; nas comunidades literárias, passou a ser a conversão de um texto escrito em uma língua para outra língua, embora o surgimento da tradução simultânea em conferências internacionais tenha conservado a forma oral (DINIZ, 1995-1996, p.76). Nessa perspectiva, entende-se que não apenas a tradução simultânea tenha conservado a oralidade, mas também, no caso dos povos indígenas a continuidade do ato e a preservação da narrativa ocorrem no processo de constituição da memória coletiva da comunidade. Mesmo o recolhimento das narrativas, feito por um indígena, a transcrição e análise feitas em regime de pesquisa acadêmica, corroboram num processo de tradução que mescla a cultura preservada e a sociedade não indígena. Esse processo é comum da região de fronteira e coloca em evidência, a supressão de elementos da cultura indígena, fato que pode ser identificado, algumas vezes, nas falas das pessoas entrevistadas. Outras questões podem ser pontuadas neste caminhar, como por exemplo, o hibridismo das culturas brasileira e estrangeira. Não apenas a francesa, mas outros itens de origem variadas oriundas do Platô das Guianas, tais como o idioma patuá falado pela maioria dos indígenas da fronteira franco-brasileira. Nessa língua, encontram-se similitudes entre o idioma português, a língua indígena e o francês. Sonoramente, percebe-se que muitas palavras são parecidas à língua francesa, resultantes do contato entre indígenas (dos dois lados, como se diz na região) e estrangeiros. Ao tentarmos refletir sobre os mecanismos da tradução, estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da própria linguagem, pois a tradução, uma das mais complexas de todas as atividades realizadas pelo homem, implica necessariamente uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão “humana” que é a produção de significados (ARROJO, 1992, p. 10). Percebe-se, dessa maneira, que ocorreu neste contexto, uma espécie de adaptação não somente da língua e das culturas que compõem o cenário fronteiriço, mas também a fusão de caracteres que pertencem às duas regiões, dada a proximidade territorial dos povos e as relações parentais estabelecidas ao longo dos séculos nesta região.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Cultural; Poética; Narrativa Indígena; Fronteira.

TÍTULO DO TRABALHO: O aqui, o lá e o além em “A menina de lá” de João Guimarães Rosa.

Autor: Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia).

RESUMO:

Um elemento distintivo da obra de Guimarães Rosa é a percepção de que há um lado desconhecido e profundamente enigmático na natureza e nos seres e que, por mais que se indague, ele permanece sempre além da nossa capacidade de compreensão. Podemos dizer que a tentativa de apreensão deste mistério constitua o eixo central do livro *Grande sertão: veredas* e das demais obras do escritor. Narradores e personagens se debruçam sobre o enigma da existência e da alma humana, buscando a raiz do bem e do mal, o limiar entre o físico e o metafísico.

O autor nunca é assertivo e sua obra é permeada de questionamentos e se coloca, toda ela, como um instrumento capaz de forçar os limites da consciência e da identidade, tentando ampliar a nossa capacidade de compreensão do universo.

Tendo presente esse elemento, ou seja, que a literatura de Guimarães Rosa é uma perscrutação de limites e fronteiras que nos condicionam e cerceiam, concentram-me-ei aqui na análise do conto “A menina de lá”, publicado no livro *Primeiras histórias*, de 1962.

Personagem central do conto é Nhinhinha, uma menina de quatro anos, vista como estranha, pois não brinca, não faz caprichos, não pede nada, vive meio alheia, perdida em um universo próprio, interagindo escassamente com o mundo dos adultos. Fala pouco e o que diz parece quase nunca ser entendido, já que estranho e aparentemente sem sentido. No entanto, analisando as palavras e frases da menina, percebemos que ela, ao contrário, é sensível e atenta a tudo e que sua fala é extremamente poética, pois tem a capacidade de notar, no aparentemente banal, o elemento de surpresa, o inusitado. Ela nota, de fato, sempre o que há de singular, surpreendente e mágico.

Proponho-me aqui a indagar sobre como o narrador traça, no texto, este espaço indefinido, de fronteira, em que vive a menina Nhinhinha, espaço que ela frequenta e habita graças à sua sensibilidade e a uma capacidade de percepção e de atravessamento do limiar entre natural e sobrenatural, entre a vida e a morte.

PALAVRAS-CHAVE: João Guimarães Rosa; Vozes de fronteira; Literatura brasileira.

TÍTULO DO TRABALHO: Fronteiras epistolares, pensamentos fronteiriços e nômades.

Autores: Francine Carla de Salles Cunha Rojas (PG-UFMS), Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS)

RESUMO:

O presente trabalho articula o conceito de “fronteira” para rastrear a atuação das correspondências de escritores no pensamento e na cultura de determinada época, nesse sentido entende-se que tais produções não se definem somente por parâmetros textuais, mas também por outros fatores como o lugar a partir do qual as cartas são escritas, os remetentes, destinatários e o contexto histórico-cultural, diante desse cenário faz-se necessário pensar o conceito de fronteira baseado na concepção de Walter Mignolo de acordo com a qual ela é tanto um espaço geográfico quanto epistemológico, tal percepção movimenta uma rede de conceitos norteadores que gravitam em torno das “cartas”, como a própria fronteira, epistemologia,

epistolografia e memória, responsáveis por traçar um mapa que guia a teoria da carta. O transito da teoria epistolar é pautado nos apontamentos de Walter Mignolo em **Histórias Locais / Projeto Globais** (2003), **Teorias sin disciplina** (1998), de Edward W. Said no texto “Teoria Viajera” e de James Clifford em “Notas sobre teoria y viaje” ambos presentes no volume **Cuadernos de Teoría y Crítica** (2015), de Eneida Maria de Souza em **Crítica Cult** (2007), de Brigitte Diaz em **O gênero epistolar ou o pensamento nômade** (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira; Epistemologia; Carta.

TÍTULO DO TRABALHO: Flusser para além do ensaio: de outros modos possíveis de habitar a intersecção entre ficção e filosofia.

Autor: Gabriel S. Philipson (UNICAMP)

RESUMO:

Análise, nesta apresentação, as estratégias filosóficas, retóricas e ficcionais de alguns textos de Flusser presentes em *Ficções filosóficas* (1999), com o intuito de tratar da maneira como Flusser abordou a intersecção entre ficção e filosofia. Sugiro que o estilo de Flusser é bem lúcido quanto ao debate sobre forma e estilo de textos filosóficos, indicando como a posição de fronteira de Flusser tanto em relação a estas duas áreas - filosofia e ficção -, quanto de suas origens e influências (judeu tcheco radicado em São Paulo e reimigrado à Europa que fala várias línguas se autotraduzindo e que cunhou o conceito de *Bodenlosigkeit*), levam a uma possível filosofia do exílio, como sugere Seligmann-Silva, a qual procuro analisar a luz das noções de pensamento de fronteira, de Walter Mignolo, e de marranismo, de Alberto Moreiras. Se os filósofos acadêmicos uspianos sacrificaram a literatura - enquanto qualquer prática escrita que desejasse conceitual sem pagar tributo à nova tecnização da filosofia perpetrada por eles - em nome de uma nascente comunidade filosófica europeísta em São Paulo contra a elite rocambolesca jurídica da escrita conceitual, mas que convenientemente também se contrapunha a outros modos de conceitualização, como as filosofias orientais, indígenas ou subalternas, o estilo de Flusser - alteração constante de múltiplos pontos de vista, (auto)ironia, sarcasmo, agir contra o aparato, etc. - podem levá-lo a habitar para além do ensaísmo (ao menos o tradicional) a intersecção entre filosofia e ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Estilos de escrita filosófica; Instituição filosófica; Pensamento de fronteira; Filosofia do exílio; Estratégias de escrita flusserianas.

TÍTULO DO TRABALHO: “Troupas esquecidas” no espaço urbano: Lima Barreto, Roberto Arlt e João Antônio.

Autor: Clara Ávila Ornellas (USP)

RESUMO:

Parte-se do olhar de Barreto no romance *Vida e morte de Gonzaga de Sá* sobre uma mulher em situação de rua, a qual o narrador denomina como “trouxa esquecida” para atestar a sua situação de marginalidade social. Com isso, emerge-se na captação de parte dos seres marginalizados que compõem a população do Rio de Janeiro pelo olhar tanto de Barreto como de Arlt e Antônio para discutir uma dupla situação de fronteira. A condição de identidades silenciadas da população à margem social em três diferentes tempos (Barreto nas duas



primeiras décadas do século XX na obra *Toda crônica*, Arlt nos anos 30, com a coletânea *Aguafuertes cariocas*, e Antônio em meados da década de 70 em *Malhação do judas carioca*) que, apesar de transitar pela cidade não tem integração legítima com o espaço urbano, ou seja, trata-se da configuração de uma cidade invisível dentro da cidade formal. Por outro lado, da crônica como gênero de fronteira entre jornalismo e literatura no desvelamento sensível e crítico da realidade da sempre divulgada nacional e internacionalmente imagem de Cidade Maravilhosa. Para tanto, parte-se do conceito de semiosfera e da noção de fronteira concebidos por Iuri Lotman, da Escola de Semiótica da Cultura de Tártu-Moscou, para demonstrar a multiplicidade simbólica que pode compor um mesmo espaço urbano em suas similaridades, oposições e até mesmo na perversidade de apagamento memorialístico e humano. Logo, as “trouxas esquecidas” devem ser lembradas e analisadas em prol da discussão sobre alguns desvãos que compõem a sociedade brasileira ainda nesses últimos anos da primeira década do século XXI a demonstrar que, possivelmente, o Rio de Janeiro não continua (ou talvez nunca tenha sido) lindo.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano; Marginalidade social; Crítica literária: Lima Barreto; Roberto Arlt; João Antônio.

TÍTULO DO TRABALHO: Concepções de literatura na poética periférica de Sérgio Vaz.

Autor: Luciana Sacramento Moreno Gonçalves (Universidade do Estado da Bahia)

RESUMO:

Este artigo se propõe a tecer uma análise sobre a concepção de literatura que permeia os poemas e textos em prosa poética, presentes nos livros “Colecionador de pedras” e “Literatura, pão e poesia”, do escritor Sérgio Vaz. Este se inclui na cena contemporânea, na cena literária, designada ora de literatura periférica, ora marginal, ora divergente, dentre outras. Pensar tal produção, pelo viés da análise literária, se constitui em empreendimento urgente e visa promover a leitura de tais obras, como também fomentar a ampliação dos espaços literários em que tais textos são produzidos. Por isso, trilhou-se o percurso metodológico da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. O referencial teórico que lastreia esta discussão nos que se refere aos estudos da literatura brasileira contemporânea referenda-se em Lajolo (2001); Resende (2008) e Dalcastgné (2012). Para pensar a Literatura produzida nas periferias brasileiras, as referências são Nascimento (2009) e Reyes (2013). Por fim, para uma reflexão sobre as especificidades do texto literário, nos alicerçamos em Barthes (1978) e Cândido (2000). Nesta pesquisa, observamos que a literatura para Vaz nasce dos becos e vielas das periferias urbanas brasileira; expressa as identidades plurais e em processo dos homens e mulheres que forjam suas histórias e concepções sobre si, o outro e o mundo que os rodeia na língua própria destes espaços. Portanto, tal poética é sinônimo da própria vida.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Periferia; Contemporâneo; Sérgio Vaz.

TÍTULO DO TRABALHO: Corpo, exílio e memória em Conversas sobre a casa (no Departamento de deportação) de Warsan Shire.

Autores: Jéssica Fabrícia da Silva (UNICAMP/IEL), Daniel Conte (UFRGS)

RESUMO:

Warsan Shire, poeta que ficou mais conhecida após seus poemas terem sido transpostos para o curta-metragem *Lemonade* (2016), carrega em si, enquanto indivíduo, a questão da imigração e do exílio, já que ela nasceu no Quênia, em 1988, mas se reconhece enquanto somali – nacionalidade de seus pais, refugiados –; entretanto, a poeta ainda criança emigrou para a Inglaterra, onde cresceu. Assim, no poema “Conversas sobre a casa (no departamento de deportação)”, Warsan Shire constrói um eu-lírico que fala não apenas do exílio e da perda da casa enquanto território-nação, mas também do sentimento de ser mulher e se encontrar em uma dupla violência, pois ser mulher imigrante é ser um corpo abjeto: “Eu quero me deitar, mas esses países são como tios que te tocam quando você é uma criança adormecida. Olhe para todas essas fronteiras, espumando pela boca com corpos quebrados e desesperados” (SHIRE, 2011, p.25). Para essa comunicação, utilizar-se-á, como ponto central da análise, os pensamentos de Márcio Selligmann-Silva (2003, 2012), no que tange o testemunho e a memória, e Gayatri Chakravorty Spivak (2010), no que concerne a mulher subalterna, além de outros teóricos que discutem a questão do exílio, do corpo e da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio; Corpo; Testemunho; Subalternidade, Poesia africana.

TÍTULO DO TRABALHO: Paixão de Cláudia: as narrativas para além do periodismo.

Autores: Magno Rodrigues Faria (FACON-SP), Giuliano Siqueira Tierno (UNESP)

RESUMO:

O presente artigo por meio da manifestação pública artística “A paixão de Cláudia”, organizada por mulheres negras, sobretudo, e que foi realizada na cidade de São Paulo em abril de 2014, analisa a relação do campo da narração/contação de histórias com a imprensa, a banalização de notícias/histórias em prol da dita velocidade de informação e da mercantilização de notícias, bem como tece a realização da manifestação como um possível contraponto ao periodismo – grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência (BONDIA, 2002).

PALAVRAS-CHAVE: Vozes marginais; Vozes silenciadas; Construção /Desconstrução identitária; Racismo; Imprensa; Narração de Histórias.

TÍTULO DO TRABALHO: O vendedor de passados: memórias e tradições de Angola.

Autores: Alcía Sousa Bastos Silva (FACON-SP), Katiane Silva de Oliveira (UNEB) Orientadora: Zoraide Portela Silva (UNEB)

RESUMO:

Esta comunicação tem como objetivo analisar a obra “O vendedor de passados” (2004), do angolano José Eduardo Agualusa sob a vertente de estudos comparativos da tradição africana, explorando, sobretudo, os aspectos satíricos sociais. O romance narra a história de um albino morador de Luanda, que elabora árvores genealógicas como vínculo empregatício. O vendedor de passados falsos, Félix Ventura e uma lagartixa comandam toda a narrativa, sendo o primeiro um criador de genealogias de luxo para quem o contrata, sobretudo da burguesia angolana que têm um presente e um futuro próspero, mas precisam de um passado que não tenha antecedentes comprometedores. Assim sendo, os sujeitos ficcionais buscam um objetivo comum, reencontrar

um passado, a fim de apagar um passado ora sombrio ou vergonhoso, através do real ou da ficção, ocorre esta tentativa, para que as inúmeras vozes escondidas e sofridas não sejam esquecidas. Sendo assim, os fregueses de Félix Ventura usurpam de um passado, se convencendo dele para incorporar como se não houvesse outra identidade, senão aquela inventada. Desse modo, o leitor acompanha a influência que o poder político exerce em Angola, visto que o país sofreu com o regime colonial, posteriormente um regime marxista e depois essas pessoas que construíram esse regime marxista desmontaram-no e estão interessados em reescrever esse passado através da criação de personagens que configuram como heróis. É a partir desta pluralidade que se tece o fio de um caminho que aponta para o amanhã em que cada personagem busca a revisão do passado de forma questionadora e crítica, compreendendo que a meta é resistir e nunca perder a Velha Esperança. O romance configura como uma meta-literatura visto que a criação de histórias na narrativa para os personagens de Félix Ventura para seus clientes apresenta similaridades com o papel de um escritor. Desse modo, a partir da metáfora da construção de passados, Agualusa narra a história de Angola, bem como sua herança de Portugal e a relações existentes entre todos os países ligados perante a um dialeto em comum, a língua portuguesa. A narrativa de Agualusa verifica o presente e observa o surgimento de novas tradições, novas memórias, com uma percepção mais consciente e politizada de que o passado faz parte da história de Angola e a partir de tais experiências, aprende com esses momentos além de contá-los através da literatura, possibilitando o estudo da formação não só de Angola, mas de todo o continente africano. O romancista relembra memórias que antecedem o período da Independência e da pós - Independência para suprir a necessidade dos personagens que têm a intenção de criar um passado de acordo com seus interesses. Destarte, o escritor angolano constrói uma História que permeia em um diálogo incessante entre a ficção e realidade. Além disso, a metáfora do vendedor de passados procura desmistificar os discursos do colonizador e dos africanos que buscavam construir uma nação torna necessária a invenção de uma continuidade histórica. Destarte, a tradição é restaurada a partir da memória, a fim de abordar um momento de reconstrução e de multiplicidade através da escrita. Desse modo, surge a necessidade de narrativa que funcione como uma forma de purificar os silêncios intensificados pela imposição colonial. A escrita de Agualusa conduz uma vertente política sob a crítica à visão de uma identidade angolana que se corrompe pelos desígnios europeus, que analisa uma atitude consciente perante o sentimento nacional através da problematização da corrupção. Esse entendimento ratifica a ideia de que as literaturas africanas de língua portuguesa apresentam uma catarse dos lugares coloniais e a revitalização de uma nova utopia. Ademais, a trama orienta a presença da oralidade na obra e assim, reaviva o fluxo da tradição, indicando a fragmentação da vivência, construindo um mosaico de imagens de que se compõe a memória. Agualusa manipula a memória de modo que as personagens nascem com a força que institui a verossimilhança no texto e correlaciona com a ideia de que o foco da narrativa enfoca não nas descrições dos personagens e sim, nas ações que podem ser geradas a partir do que foi criado. Em “O vendedor de passados” (2004), Agualusa trabalha com os fatos históricos a partir da literatura e esta relação é construída ocorre dentro do próprio texto um jogo. Assim, o processo histórico mostra-se presente ao não se preocupar unicamente em recuperar uma sucessão de fatos considerados como verdadeiros, mas apresenta informações variadas e corrobora em emergir reflexões quanto às noções de verdades históricas que na verdade, são interpretações, que precisam ser analisadas e avaliadas, com o propósito de construir e desconstruir velhas concepções. Através da análise do romance, é possível observar os reflexos da colonização portuguesa que buscou apagar os tradicionalismos, que constitui uma herança cultural da África caracterizada principalmente pela oralidade, a fim de implantar novas memórias, novos costumes. Por meio da metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, busca analisar como ocorre a construção da narrativa a partir de uma escrita metafórica acerca da temática de “vender passados” que usa da figura de linguagem para expressar um fluxo da memória em relação processo de descolonização e seus reflexos quanto aos aspectos culturais e literários além de retratar a ideologia dominante da classe hegemônica, que tenta alterar o passado após uma série de transformações políticas, que visavam esconder o

passado sombrio que permeava Angola antes da sua Independência. Desse modo, é de fundamental importância a análise da temática em relação à formação identitária angolana com vistas à desconstrução da europeização sob motivações políticas que se corrompem a corrupção bem como os traços característicos da obra que se relacionam com os vocábulos das línguas nacionais que particularizam e caracterizam o modo de falar e de expressar dos personagens, a fim de identificar os efeitos do período do domínio político dos europeus bem como da força que ainda há da cultura europeia através do domínio que ainda exerce após o processo de emancipação angolana. Como aporte teórico, o presente estudo se baseia em autores como Alexandra Machado (2008), Ana Cristina Pinto Bezerra (2011), Cláudio do Carmo (2009), Nayara Silva Santana (2009), Romilton Batista de Oliveira (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Agualusa; Tradição; Literatura; Angola.

TÍTULO DO TRABALHO: Figurações políticas em *A Hora da Estrela*

Autores: Anny Caroline de Souza Marques (UFMS), Edgar César Nolasco (UFMS)

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo erigir um debate teórico-crítico sobre o político-social no romance **A hora da estrela (1998)** da escritora brasileira Clarice Lispector, fundamentado no recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço (NOLASCO, 2015), teorização cunhada por Edgar César Nolasco no texto “Crítica biográfica fronteiriça”. Para tal, realizaremos uma leitura eminentemente de caráter bibliográfico, relendo a obra supracitada, na qual Clarice narra, por meio do escritor Rodrigo S.M., a história de uma jovem nordestina de Alagoas, criada pela tia beata, mas que diante de adversidades, migra para a cidade do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, buscaremos abordar a figura da intelectual Clarice na esteira dos postulados de Edward Said na obra **Representações do intelectual (2005)**. Bem como, nas imagens postas no texto “A Política em Clarice Lispector” (2014) do ensaísta Silviano Santiago, entre outros. Além disso, visaremos articular esta relação crítica e intelectual com o *bios* da escritora na esteira das reflexões de Eneida Maria de Souza em **Janelas indiscretas (2011)**. Vale ressaltar que esta discussão emerge da fronteira-sul, que é tanto territorial quanto epistemológica, e está atravessada por nossas sensibilidades biográficas (NOLASCO, 2015) enquanto sujeitos que pensam e articulam uma leitura acerca da escritora brasileira a partir deste lugar. Como resultado, espera-se contemplar a figura da intelectual, que trabalhou no respectivo livro, a questão político, social e cultural do Brasil, distanciando-a das imagens atribuídas a ela e à sua obra como “literatura de mulherzinha”. Esse texto respalda-se em teóricos, dentro outros, como Edgar César Nolasco, Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo, Edward Said, Silviano Santiago e Nádia Battella Gotlib. Algumas obras que contribuirão para a discussão proposta aqui são: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, Crítica Cult (2002), Janelas indiscretas (2011), Representações do intelectual (2005), Histórias locais/projetos globais (2003), A louca da casa (2004), Clarice uma vida que se conta (2010)**.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica biográfica fronteiriça; *A hora da estrela*; Literatura feminina.

TÍTULO DO TRABALHO: O (não) pertencimento da personagem Ponciá Vicêncio, um estudo do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Autores: Leidiane Lopes da Silva (UFMT), Danilo de Oliveira Nascimento (orientador-UFMT)



RESUMO:

A pesquisa intitulada O (não) pertencimento da personagem Ponciá Vicêncio. Um estudo do Romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a mulher negra na sociedade, a partir da personagem e protagonista Ponciá Vicêncio, tendo em vista que ela é uma mulher negra e pobre, descendente de escravizados trazidos da África e, que sofre as mazelas de uma sociedade capitalista, machista, racista e preconceituosa, além de que Ponciá tem uma constante sensação de não pertencimento em relação a alguns lugares em que ela se circunscreve. Nesse sentido, por meio do estudo desse romance, de autoria de Conceição Evaristo, pretendemos relacionar os espaços ocupados e as vivências dessa personagem com a realidade de muitas mulheres negras em nossa sociedade, visto que estas têm sua trajetória marcada pela escravidão e sofrem com essa herança colonial escravista, que se configura no dia a dia pela falta de oportunidades, por assumirem postos de trabalhos subalternos, pela rejeição em alguns lugares, por habitarem espaços marginalizados e pela exclusão social. Portanto, essa reflexão vai de encontro com uma realidade que há tempos deveria ter desaparecido, uma vez que a mulher negra ainda é marginalizada e silenciada e, por vezes se assemelha a Ponciá Vicêncio por sentirem apatia aos lugares em que vivem ou mesmo à sua própria existência na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Mulher Negra; Sociedade.

TÍTULO DO TRABALHO: O sétimo juramento: fronteira, silêncio e identidades em contexto.

Autores: Jéssica Schmitz (Universidade Feeval), Daniel Conte (UFRGS)

RESUMO:

No ano de 1975, vozes das ex-colônias portuguesas na África, depois de séculos silenciadas, puderam, finalmente, ecoar aos quatro cantos, uma vez que a independência fora conquistada. A ideia ao menos era essa: alcançar a independência, ver a sociedade organizada, livre de qualquer injustiça e do jugo colonialista. Foi isso que os intelectuais revolucionários, unidos à FRELIMO, buscaram durante os anos nas guerrilhas de resistência. O desejo de ver seu país liberto do sistema colonial fez com que muitos jovens, que saíram de África para estudar na metrópole portuguesa, lutassem contra o sistema ditatorial imposto pela administração colonial. Embora tenham conseguido conquistar a independência política, nem todos os sonhos foram alcançados. No âmbito dos estudos pós-coloniais, as literaturas africanas em língua portuguesa têm recebido destaque justamente por dar voz àqueles que durante longo período viveram em um silêncio imposto pela política colonialista, além de instaurarem, ainda, um movimento acerca da recuperação de lugares que remetem ao período colonial. As literaturas africanas, por meio de escritores como Paulina Chiziane, por exemplo, tem desempenhado o papel de re(construir) e (re)organizar a historicidade das ex-colônias, além de permitir ao sujeito africano ser novamente protagonista da sua própria história, visto que essas narrativas apresentam outra visão que não a do oficialato colonial. Com base nisso, o objetivo deste artigo é discutir sobre o papel exercido pela literatura africana na contemporânea conjuntura política e social de Moçambique, pontuando-se a forma pela qual a memória coletiva e individual permeia os espaços da nação moçambicana, e como se dá, hoje, a reestruturação da identidade do país. Para tal análise, usa-se como base para este estudo a obra *O Sétimo Juramento*, da escritora Paulina Chiziane. Obra que traz à discussão aspectos do projeto utópico de independência, além de atentar para uma representativa significação do silêncio.



PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Identidade; Literatura Africana; Silêncio.

TÍTULO DO TRABALHO: Construindo e constituindo a memória familiar em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* de Mia Couto.

Autor: Regina Costa Nunes Andrade (UFV)

RESUMO:

Marianinho, narrador-protagonista de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do escritor moçambicano Mia Couto, retorna à Ilha de Luar-do-Chão no início de sua vida adulta. Apesar de ter nascido na Ilha, muito se distanciou de sua família, de seus costumes e tradição, pois, ainda criança, foi enviado à cidade para estudar. A viagem de retorno à Ilha mostrou-se ir além do caminho percorrido geograficamente. Ao atravessar o rio Madzimi, o jovem descobre que sua tarefa vai muito além de comandar a cerimônia de enterro do Avô Dito Mariano, pois a família Malilanes, na língua local, e Marianos, no aporuguesamento, e a Ilha estão em estado de abandono e decadência. Ao receber as orientações quase póstumas de seu quase falecido Avô, Marianinho descobre que as mazelas locais são decorrentes dos segredos velados que assolam a terra, passando, assim, a romper com a mudez imposta ao passado, trazendo à tona as memórias que, sem sua intervenção, seriam sepultadas junto com Dito. Por meio de uma reflexão sobre teorias da construção identitária, da formação da memória e como a Literatura vem a conter em suas linhas as dinâmicas sociais de seu tempo, analisaremos os processos perpassados por Marianinho, os quais refletem em Luar-do-Chão e na família Malilanes/Marianos, para sua formação identitária e amadurecimento, que estão em diálogo com seu sentido de pertencimento e absorção do universo tradicional da Ilha. Temos como base os estudos sobre a construção identitária realizados por Homi Bhabha, Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Mircea Eliade, aliados à observação sobre o processo de formação da memória coletiva, a rememoração e o esquecimento, conceituados por Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, Jaques Le Goff e Peter Burke, dialogando com a Literatura e a inserção de elementos sociais trazendo as abordagens de Kwame A. Appiah, Eduard W. Said e Antonie Compagnon.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Identidade; (re)Construção; Pertencimento; Memória coletiva.

TÍTULO DO TRABALHO: A diversidade sócio-cultural e linguística africana e a formação identitária e política do Estado-Nação na Guiné-Bissau.

Autor: Calido Mango (UNILAB)

RESUMO: este trabalho nos leva a uma orientação sobre o passado da formação social e cultural dos povos em África (mais especificamente à Guiné-Bissau) antes da invasão colonial europeia. Um estudo que nos propõe um entendimento político, social e histórico que envolve a estruturação das sociedades africanas através dos impérios e reinos nas épocas remotas, nos quais existiam uma ampla diversidade cultural onde se espelhavam as ricas civilizações africanas, e, dos quais alguns grupos-sociais guineenses surgiram para compor o mosaico da diversidade sócio-cultural e linguística que simboliza a identidade da nação guineense. A Guiné-Bissau – uma nação pluriétnica caracterizada pelas multiplicidades das manifestações “étnico-raciais” (baseadas nos valores, nas tradições e modos de costumes), através dos quais, os grupos-sociais reúnem e organizam em torno de uma união linguística – o Kriol –, este que a sua preponderância e o seu elo gigantesco, influenciou a formação social e política do Estado-nação desse país.



PALAVRAS-CHAVE: A diversidade cultural africana. Fator linguístico e identidade. Formação do Estado-nação.

TÍTULO DO TRABALHO: Esse cabelo: consolidação de uma literatura feminista de fronteira a partir do crespo.

Autor: Floriza de Sousa Fernandes (Universidade Estadual de Campinas)

RESUMO:

A noção de pertencimento do sujeito ao local em que vive se consolida na maioria dos casos a partir de uma identidade embasada na sensação de pertencimento dada a ele por intermédio de vínculos familiares e na capacidade de manutenção de suas tradições culturais, contudo, no Livro *Esse Cabelo* de Djaimilia de Pereira de Almeida, a autora expõe que a literatura da sua existência estabelece uma fronteira entre dois continentes devido a um fator determinante: o cabelo crespo. O crespo está para a África angolana de nascença de Djaimilia, quanto para a Europa portuguesa em que ela reside. Como salienta Frantz Fanon em *Pele Negras, Máscara Brancas*, existe uma dificuldade de encaixe do esquema corporal negro em um mundo branco (FANON, 2008, p. 104), ao passo que o cabelo ao fazer parte desse esquema, torna-se incômodo visual agressivo aos olhos de muitos e sua existência funciona como uma formulação de resistência ativa (SAID, 1993, p. 10) à posturas imperialistas mesmo em tempos pós-coloniais. É tarefa deste trabalho indicar os aspectos pelos quais o crespo é não só um manifesto de resistência, mas é um formato de manifestação do feminismo negro aparente na literatura pós-colonial.

O refinamento atrelado à cultura de uma nação colonizadora (SAID, 1993, p. 11) como Portugal, torna o cabelo crespo um elemento estético de aceitação social estigmatizada ao bruto, ao passo que a opressão pelo alisamento do crespo, é uma forma de imposição da cultura de refinamento que sobrepõe a alteridade, pois é custoso ao olhar branco português enxergar a negra de cabelo crespo também como filha de sua pátria. Como Djaimilia diz em seu livro, alisar é um modo de cobrir a ÁFRICA e ajudar a manter o intenso processo de segregação racial, alimentando a cultura de alisamento - como salienta Bell Hooks em seu escrito *Straightening Our Hair* - disseminada entre as mulheres negras por conta do racismo oriundo de um longo processo escravagista. Estudar a narrativa de Djaimilia é também fazer como ela, uma reparação que renova o direito à literatura transnacional portuguesa e angolana por intermédio do feminismo negro. Falar por duas nações é compor mista narrativa, onde crespo é a ponte da fronteira que as une. Traçar a representatividade pós-colonial da forma do cabelo crespo através da literatura é sem dúvida uma urgência à negritude.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo negro; Literatura pós-colonial; Identidade; Fronteira; Crespo.

TÍTULO DO TRABALHO: O riso de Geraldinho Nogueira: leitura e posicionamento social.

Autor: Lucas Pires Ribeiro (Universidade Estadual de Goiás – Campus Porangatu)

RESUMO:

A presente proposta tem como intuito, compreender a atividade artística de Geraldinho Nogueira, famoso contador de causos de Goiás, que adquiriu notoriedade na década de 1980 ao se inserir no espaço midiático, se apresentando em programas televisivos e radiofônicos. Geraldinho possuía, como característica dos seus causos, um humor

contagante, podendo ser entendido como artista/sujeito que fez e continua fazendo às pessoas sorriem, assim como, sujeito do riso. No entanto, o riso de e provocado pelo contador de causos goiano, esteve relacionado com suas atividades enquanto sujeito, quando retirou dos acontecimentos do cotidiano, os elementos pertencentes à tessitura dos seus enredos. A alegria de Geraldinho, pode ser interpretada como um posicionamento sociocultural, porque em sua trajetória de vida, o artista sofreu consideravelmente, tendo que abandonar os estudos formais desde a tenra idade, sempre trabalhando com as lides diárias do meio rural, enfrentando um contexto de negação por parte do estado e outras questões. Diante das circunstâncias, teve que lutar em demasia para manter a sua sobrevivência e de sua família. Se levando em consideração esse escopo inicial, o contador de causos “tinha” tudo para ser um sujeito revoltado com a vida, em virtude dos sofrimentos enfrentados, porém, Geraldinho fez do seu sofrimento um mecanismo de resistência, de autoafirmação enquanto sujeito, e para isso, se valeu dos causos, do humor e do riso para resistir e ensinar por meio dos percalços sociais. Assim, a presente pesquisa objetiva entender Geraldinho no âmbito da representação popular, e suas relações com o riso, seja por meio dos causos, seja pela sua atuação enquanto ator social. Os referenciais teóricos estão centrados em Minois (2003), Lipovetski (2005), Bergson (1993), Silva (2015), Ribeiro (2017), Huizinga (2014), entre outras importantes pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Geraldinho Nogueira; Riso; Causos; Resistência.

TÍTULO DO TRABALHO: Subjetividade gay na poesia de António Botto

Autor: Maria Lúcia Outeiro Fernandes (UNESP)

RESUMO:

Buscando entender os motivos da sua ausência no cânone da lírica portuguesa do século XX, este ensaio pretende não somente abordar as perseguições sofridas pelo poeta português António Botto (1897-1959), no início do século XX, mas também suscitar algumas reflexões acerca das qualidades estéticas da sua obra poética. Além disso, este trabalho pretende mostrar de que modo o esteticismo e o decadentismo se articulam, na poesia dramática de Botto, promovendo uma tensão com o humanismo, a fim de melhor expressar uma subjetividade gay, o que faz deste poeta um pioneiro na busca de criação de uma identidade *queer*.

PALAVRAS-CHAVE: António Botto; “Identidade *queer*”.

TÍTULO DO TRABALHO: Lezioni latinoamericane e neo paradigmi: l’opera pedagogico-sociale di Paulo Freire per una antropologia della coscienza.

Autor: Giuliana Muci (Università degli Studi di Perugia)

RESUMO: Il presente lavoro è mosso dall’intento di far tesoro delle esperienze maturate nell’ambito pedagogico e sociale ad opera dell’educatore cosmopolita brasiliano Paulo Freire, di tracciarne taluni rilievi neuroscientifici e di sintetizzarne contributi antropologici spendibili da parte di chi è chiamato a formulare approcci innovativi tanto su un generico piano psicopedagogico-sociale, quanto su quello che urge quale risposta a contesti problematici. Data l’efficacia dei modelli teorico-epistemologici-operativi da lui elaborati a partire da gravi problemi

di analfabetismo nel Brasile multiculturale, si pensa che essi abbiano portata universale e che possano pertanto integrarsi anche in altri contesti, soprattutto quelli che necessitano di soluzioni nell'ambito interculturale riguardo tematiche di inclusione, formazione, salute. Una analisi che focalizzi non solo il lato teorico ma soprattutto il versante neuroscientifico dell'opera freiriana -caratterizzata da un significativo impatto emozionale e incentrata sulla dinamica *teoria-pratica-teoria*- potrebbe rivelarne le potenzialità, suggerendo riferimenti etici e metodologici per gestire situazioni cruciali. Un esempio su tutti, quello legato ai movimenti migratori (vedi la questione italiana) con esiti traumatici di sradicamento, forme di radicalizzazione, problematiche di accoglienza, adattamento, paure degli ospitanti e relative strumentalizzazioni. Si ritiene fondamentale pertanto focalizzare gli aspetti psico-affettivi e fortemente empatici dell'approccio di Freire: qual è la portata emotiva (e dunque psiconeurobiologica, secondo le moderne neuroscienze) derivanti dall'esercizio del potenziale dell'individuo che il pedagogista brasiliano esprime nel concetto dell'*essere più?* Come si modifica l'osservazione e il modellamento nuove realtà mentre si culla un'idea di 'speranza' come facoltà di realizzazione dell'immaginato nella pratica quotidiana verso la meta dell'*inedito possibile?* Cosa produce all'interno del sistema mente-corpo un progetto per il raggiungimento della propria autonomia nell'ambito di una comunità attraverso l'acquisizione di senso critico e responsabilità, grazie ai quali gli esseri umani danno forma ai sogni che rendono reali le utopie? Le crisi sul piano politico, socio-economico ed ecologico, possono in tal modo riconsiderarsi come il riflesso della necessità di nuovi principi esistenziali universali. La duttilità e l'umanità della 'pedagogia dell'evoluzione' di Freire realizza quadri teorici e formativi che oggi rivela ancor più il suo valore grazie ad un'analisi neuroscientifica interdisciplinare che includa considerazioni a carattere antropologico. Essa sviluppa strumenti per una educazione basata su autodeterminazione e responsabilità, le cui varianti -dei luoghi scolastici o delle strutture che ospitano i migranti, degli ambiti infantili o di quelli degli adulti, che riguardino la formazione degli educatori o degli educandi- non modificano lo spirito di fondo incentrato su 'dialogo' e 'coscienza', per una umanità che nel migliorare se stessa percepisca il senso del proprio cammino.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire, Antropologia della coscienza; Azione pedagogico-sociale.

TÍTULO DO TRABALHO: Narrativa, educação moral e crise das humanidades: como Amadou Hampate Bá nos pode ajudar.

Autor: Suleiman Alfa Bá (UNILB)

RESUMO:

A investigação a se desenvolver no presente trabalho é referente a **Narrativa, Educação Moral e Crise das Humanidades: Como Hampate Bá pode nos ajudar**. Partimos inicialmente da descrição da Crise das humanidades desenvolvida de forma crítica pela filósofa Martha Nussbaum, no seu livro ***Sem Fins Lucrativos: Porque a Democracia precisa das Humanidades***. No livro *Sem Fins Lucrativos: Porque a Democracia precisa das Humanidades*, a filósofa norte-americana Martha Nussbaum nos alerta sobre como uma perspectiva estreita e equivocada sobre desenvolvimento, tem justificado a adoção de um modelo tecnicista de educação, inspirado em padrões de administração empresarial, que se justificaria no objetivo de gerar crescimento de curto prazo. Nesta perspectiva em que o conhecimento se torna uma mercadoria, o ideal de formação integral do homem, de uma educação voltada para o desenvolvimento da cidadania democrática, é deixado de lado na mesma medida em que se



promove a redução de espaço das artes e humanidades no currículo. A filósofa norte-americana procura justificar a necessidade do cultivo das humanidades, vinculando esta formação com o desenvolvimento de uma cidadania democrática. Para tanto, Nussbaum destaca o valor pedagógico das narrativas no desenvolvimento da educação moral tendo em vista a ampliação de nosso horizonte de identificação e solidariedade. A filósofa destaca o valor dos romances, filmes, da prática de teatro etc. mas não considera de modo destacado as tradições orais de contação de histórias, que tem lugar privilegiado em diversas culturas. Neste trabalho, procuramos descolonizar (o que aqui é sinônimo de “africanizar”) e recontextualizar a proposta da filósofa norte-americana, mostrando como esta “virada narrativa” já estava presente na tradição oral de educação africana, como descrita e praticada pelo *griot* fula Amadou Hampaté Bá.. Em sua autobiografia *Amkoullel, o menino fula*, Hampaté Bá mostra como a valorização e incorporação de narrativas dentro da tradição oral africana, promove uma forma de educação que se vincula ao mesmo tempo a ancestralidade e mantém-se aberta para as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidades; Oralidade; Educação; Descolonização; Contação de histórias.

TÍTULO DO TRABALHO: Trajetórias, humanas, significados e expressões quotidianas: mediações estabelecidas entre a prática profissional no âmbito do Serviço Social e a proximidade com os espaços urbanos de sociabilidade.

Autor: André Katsuyoski (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

RESUMO: Apresentar as alianças das propostas metodológicas, bem como dos pensadores e pensadoras que discutem a temática da sociabilidade nos territórios ocupados, e a sua vinculação a identidade profissional da categoria de trabalhadores e trabalhadoras do Serviço Social, é o sentido deste ensaio acadêmico. É trabalho intelectual de profunda relação com o binômio ensino-pesquisa, com vistas a potencializar o processo do conhecimento, e, conseqüentemente, a estruturação do saber científico necessário à categoria profissional demarcada historicamente em solo brasileiro. O Serviço Social tem demandado esforços intelectuais nesse sentido, e, estar próximo aos grupos populacionais que iluminam espaços urbanos ditos vazios, é a proposta de uma categoria eminentemente aliada aos interesses da classe trabalhadora. E, nesse caminhar de alianças profissionais e intelectuais, o trânsito dos/as atores e atrizes que fazem desse palco do saber cada vez mais interessante e indescritível. Importante se faz ressaltar o entrelaçamento entre os processos históricos, as subjetividades que permeiam as relações humanas de mulheres bolivianas e imigrantes, que utilizam a Praça da Kantuta, no Distrito do Pari, e imediações do Brás, enquanto espaço de sociabilidade e reconhecimento sócio-cultural da sabedoria andina. E, nesse processo de reconhecimento do saber em Serviço Social, a apresentação de breves elementos que tencionarão outros processos de discussão, pautados na forçada cotidianidade das relações humanas no espaço territorial urbano da cidade de São Paulo, permeada pelos mais diversos povos que traçam, na cultura paulistana, suas identidades, saberes e subjetividades, e o reconhecimento do Serviço Social enquanto categoria profissional próxima a essas variantes culturais e de sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Serviço Social; Sociabilidade; Trabalho.

Escritoras brasileiras no exterior: um mapa de presenças?



Università
degli Studi
di Perugia



Autora: Else Vieira (Queen Mary University – London)

A expressiva predominância de mulheres – 72% do contingente total de escritores brasileiros no exterior (Vieira, 2015) – representaria uma contraface do mapa de ausências destacado por Dalcastagné (2010, 2012) com relação ao cânone literário no território nacional? Buscando um entendimento mais aprofundado da reversão numérica, a pesquisa qualitativa subsequente focalizou os Estados Unidos e a Alemanha, países onde há a maior concentração dessas escritoras brasileiras diaspóricas (Vieira, 2016). Algumas questões balizaram a pesquisa. Essas escritoras encontram nesses países “um teto todo seu” (Woolf), ou seja, as condições materiais para a produção literária? O cruzamento de fronteiras resultou de uma interpelação ou identificação (Hall, 1996) com a literatura/cultura ou mesmo com estágios mais avançados da emancipação feminina desses países? Quais os pontos de sutura criados por essas identidades flutuantes (Hall, 1996) com o campo literário desses países? Questões de alteridade/hospitalidade (Derrida), a intensidade e ambivalência da experiência de transbordamento de fronteiras (Tihanov) e a resignificação do mito de Pandora (Carmo) são alguns dos achados focalizados nessa apresentação